



TUNAI CADERNO DE LEMBRANÇAS

40 anos após a gravação de Elis Regina que o consagrou, o compositor e cantor volta com álbum de inéditas

Além de um mestre da canção, com dezenas de clássicos no currículo, **Tunai** é um apaixonado por números e datas redondas. O que reforça o simbolismo de **“Caderno de lembranças”**, seu novo álbum de inéditas em 15 anos - o anterior, o independente **“Dança das cadeiras”**, tinha saído em 2004. Ele chega às plataformas de streaming (e também no formato físico, CD digipack) no momento em que comemora quatro décadas de carreira. Foi em 1979 que o então jovem compositor de Ponte Nova (MG) começou a ser conhecido nacionalmente graças a **“As aparências enganam”**, parceria com seu letrista mais frequente, Sérgio Natureza, gravada e lançada por Elis Regina no disco **“Essa mulher”**.

O impacto desse clássico instantâneo abriu as portas da indústria do disco para o cantor e compositor mineiro, que emplacou nos anos seguintes diversos sucessos radiofônicos em seus discos solo ou nos de artistas como Milton Nascimento (também seu parceiro em **“Certas canções”**, **“Rádio experiência”** e **“Mar do nosso amor”**), Nana Caymmi, Gal Costa, Zizi Possi, Simone, Jane Duboc, Elba Ramalho, Ivete Sangalo, Emílio Santiago, Maria Rita, Ney Matogrosso, Beto Guedes, Fafá de Belém e Sérgio Mendes. Às composições citadas acima, somam-se, entre outras, **“Eternamente”**, **“Frisson”**, **“Olhos do coração”**, **“Trovoada”**, **“Sintonia”**, **“Sempre na mira”** e **“Sobrou pra mim”**. Nelas, melodias e letras convivem em perfeita harmonia, passando por baladas, blues e pop. Sonoramente, nos discos que gravou nos anos 1980, Tunai fez o mais refinado pop radiofônico, o chamado AOR (a sigla para **“Adult-Oriented Rock”**, estilo que voltou a ser valorizado nos últimos anos e que no Brasil tem Ed Motta como um dos seus maiores entusiastas e praticantes).

“Caderno de lembranças” mostra que pena, voz, dedos, ideias continuam afi(n)ados. Gravado no início desse incerto 2019, entre janeiro e março, no Estúdio Botânico (Rio/RJ), o álbum foi idealizado e produzido por Tunai, que também assina a direção musical e os arranjos. Estes têm como fio condutor seu violão. Ou melhor, quatro dos pinhos especiais que mantêm em sua volta: um Washburn EC41N 90’s, uma guitarra acústica Gibson Chet Atkins 1979, um Di Giorgio Fora de Série 1976 e um San Lorenzo 1946 se alternam através das gravações.

São nove canções inéditas. Da recentíssima **“Solidão blues”** (feita em janeiro passado, a partir do poema que recebeu de um novo parceiro, Marcos Moussalen) a oito belezas armazenadas em seu baú - **“Nuances”**, a mais antiga veio também do emblemático 1979 (essa

balada é outra que tem como base um poema, da conterrânea e premiada escritora Thaís Guimarães). Em meio a esses extremos no tempo, as três com letra de Sérgio Natureza foram feitas entre 2008 (“Maior que a vida”) e 2013 (“Mãe das mães”, hino religioso mirando a Jornada Mundial da Juventude que então rolou no Rio de Janeiro); sendo que a que dá título ao álbum estava guardada desde 2010. Agora, como uma das “folhas arrancadas”, a balada “Caderno de lembranças” sintetiza conceito e espírito do disco, sensações eternas, que tempo algum apaga.

Três diferentes parceiros estimularam Tunai a passear além da zona de conforto de baladas e blues. Na abertura do disco, “Você olha” é um bolero que fez com Claudio Rabello em 2004; o samba “Entre o anjo e a serpente” nasceu em 2008 após um encontro com o vizinho Carlos Colla numa feira livre de Laranjeiras; enquanto um poema de Salgado Maranhão, “Vício de amar”, levou-o aos ritmos nordestinos.

Fechando a sequência autoral, o blues-rock “Bala perdida” é outra canção-síntese do novo disco. Vale como antídoto para esses tempos de obscurantismo que se abatem sobre o Brasil e, em sua frase final, cita sutil e certeira os Beatles: “help me!”. Essa forte canção de protesto, que tem letra do próprio Tunai, sai aqui em versão “Radio edit”. A primeira, um minuto mais longa, foi lançada em maio de 2018, como um dos cinco singles inéditos que marcaram sua estreia nas plataformas de streaming - ao lado de “Lilá”, “Sina de amor”, “O menino Fernando” e “A tal profecia”.

Ainda no estúdio, ele homenageia o irmão quatro anos mais velho, recriando “Corsário” (João Bosco e Aldir Blanc). Por fim, duas faixas-bônus ao vivo reforçam a veia de celebração do disco. Elas foram registradas em Taubaté (SP) durante a passagem da turnê e tributo a Elis Regina que ele tem feito em duo com Wagner Tiso desde junho de 2012, quando estreou no Tom Jazz (SP) - até o momento já foram quase 150 apresentações por todo o país. Em data emblemática, 17 de março de 2016, noite em que a cantora estaria completando 71 anos, Tunai usa o trecho final de “As aparências enganam” para contar ao público do aniversário. Em seguida, também reverencia Milton Nascimento: com o sucesso que fizeram juntos, “Certas canções”, e outro clássico que fez parte do repertório de Elis, “Maria, Maria” (Milton Nascimento e Fernando Brant).

Antônio Carlos Miguel (jornalista especializado em música há mais de 40 anos, ACM é membro votante do Grammy Latino; autor do livro “Guia de MPB em CD” (1999); co-autor de “Morro da Urca: Estação da Música” (2013), “MPB: A alma do Brasil” (2008) e “25 anos Prêmio da Música Brasileira” (2014); colaborador nos livros “A vida louca da MPB” (Ismael Caneppele, 2016) e “101 canções que tocaram o Brasil” (Nelson Motta, 2016).

